**Les pactes autobiographiques de Lejeune**

Philippe Lejeune (1938 - )
a enseigné à l'université Paris-Nord 13, à Villetaneuse
a co-fondé l'Association pour l'Autobiographie et le Patrimoine Autobiographique (APA)

quelques publications

1971 *L'Autobiographie en France*. Seconde édition mise à jour, 1998.
1975 *Lire Leiris : Autobiographie et langage*. (Grand Prix de la critique littéraire 1976)
1975 *Le Pacte autobiographique*. Nlle éd. en 1996.
1980 *Je est un autre : L'Autobiographie de la littérature aux médias*.
1984 Xavier-Edouard Lejeune, *Calicot*. Enquête de Michel et Philippe Lejeune.
1986 *Moi aussi*.

**L'autobiographie en France**

« S'interroger sur le sens, les moyens, la portée de son geste, tel est le premier acte de l'autobiographie : souvent le texte commence, non point par l'acte de naissance de l'auteur (je suis né le... ) mais par une sorte d'acte de naissance du discours, le « pacte autobiographique ». En cela, l'autobiographie n'invente pas : les mémoires commencent rituellement par un acte de ce genre : exposé d'intention, circonstances où l'on écrit, réfutation d'objectifs ou de critiques. (...) L'autobiographie s'interroge donc fatalement sur elle-même ; elle invente sa problématique et la propose au lecteur.
Cette « conduite » affichée, cette interrogation sur ce qu'on fait, ne cessent pas une fois le pacte autobiographique terminé : tout au long de l'œuvre, la présence explicite (parfois même indiscrète) du narrateur demeure. C'est là qui distingue le récit autobiographique des autres formes du récit à la première personne : une relation constante y est établie entre le passé et le présent, et l'écriture y est mise en scène. »

Philippe Lejeune. *L'autobiographie en France*. 2. ed. Paris : Armand Colin, 1998, p. 49.

Tradução minha: "Interrogar-se sobre o sentido, os meios e o alcance de seu gesto, eis o primeiro ato da autobiografia: freqüentemente o texto começa, não pelo ato de nascimento do autor (nasci no dia...) mas por um tipo de ato de nascimento do discurso, o "pacto autobiográfico". Nisso, a autobiografia não inventa: as memórias começam ritualmente por um ato desse gênero: exposição da intenção, das circunstâncias nas quais se escreve, refutação de objetivos ou de críticas. (...) Logo, a autobiografia interroga a si mesma; ela inventa a sua problemática e a propõe ao leitor. Esse "comportamento" manifesto, essa interrogação sobre o que se faz, não cessam uma vez o pacto autobiográfico terminado: ao longo da obra, a presença explícita (por vezes mesmo indiscreta) do narrador permanece. É aqui que se distingue a narração autobiográfica das outras formas de narração em primeira pessoa: uma relação constante é estabelecida entre o passado e o presente, e a escritura é colocada em cena."

"Ao buscar, pois, para distinguir a ficção da autobiografia, estabelecer a que remete o "eu" das narrativas em primeira pessoa, não há nenhuma necessidade de se chegar a um impossível extratexto: o próprio texto oferece em sua margem esse último termo, o nome próprio do autor, ao mesmo tempo textual e indubitavelmente referencial. E essa referência é indubitável por estar fundamentada em duas instituições sociais: o registo em cartório (convenção internalizada por todos desde a infância) e o contrato de edição. Não há, portanto, nenhuma razão para se duvidar da identidade." p. 35

"A história da autobiografia seria então, antes de tudo, a história de seu modo de leitura: história comparativa na qual poderíamos fazer dialogar os contratos de leitura propostos pelos diferentes tipos

de texto (pois nada adiantaria estudar a autobiografia isoladamente, já que, assim como os signos, os contratos só têm sentido por seus jogos de oposição), e os diferentes tipos de leitura a que esses textos são realmente submetidos. Se podemos dizer que a autobiografia se define por algo que é exterior ao texto, não se trata de buscar, aquém, uma inverificável semelhança com uma pessoa real, mas sim de ir além, para verificar no texto crítico, o tipo de leitura que ela engendra, a crença que produz." pp. 46-47

**Le pacte autobiographique (bis)**

Autopacte é um verdadeiro sábio: assume seus erros e os critica corajosamente. Engana-se e logo se corrige. Engana-se também ao se corrigir e se corrige novamente. p. 48

"Se, em 1980, escolhi o título *Je est un autre* [Eu é um outro] para a coletânea de artigos escritos depois do "Pacto", foi justamente para reintroduzir a idéia de jeu [jogo] que está fatalmente ligada à identidade. (...) Ao fazer um acordo com o narratário cuja imagem constrói, o autobiográfo incita o leitor real a entrar no jogo dando a impressão de um acordo assinado pelas duas partes. Mas sabe-se que o leitor real pode adotar modos de leitura diferentes do que é sugerido e que, sobretudo, muitos textos publicados não comportam nenhum contrato explícito" pp. 56-57

"Dizer a verdade sobre si, se constituir em sujeito pleno, trata-se de um imaginário. Mas, por mais que a autobiografia seja impossível, isso não a impede de existir. Talvez, ao descrevê-la, tomei, por minha vez, meu desejo pela realidade: mas o que quis fazer foi descrever esse desejo em sua realidade, que é ser compartilhado por um grande número de autores e leitores." p. 66

**Le pacte autobiographique 25 ans après**

"A autobiografia a la Rousseau é uma das muitas combinações possíveis, mas, para mim, o essencial continua sendo, confesso, o pacto, quaisquer que sejam as modalidades, a extensão, o objeto do discurso de verdade que se prometeu cumprir." p. 81

**Le site autopacte**
*"Qu'est-ce que le pacte autobiographique ?" (http://www. autopacte.org/pacte_autobiographique.html)*

« Dans un second volume, Signes de vie, Le Pacte autobiographique 2 (Seuil, 2005), j'ai évalué avec le recul du temps, "Vingt-cinq ans après", mon travail de réflexion sur le pacte : et ce texte, où je m'explique sur ma démarche, est bien sûr lui-même un texte autobiographique. »

Tradução minha: "Num segundo volume, *Signes de vie, Le Pacte autobiographique 2*, eu avaliei com a distância do tempo, "Vinte e cinco anos depois", meu trabalho de reflexão sobre o pacto: e esse texto, onde eu me explico sobre o meu procedimento, é com certeza ele mesmo um texto autobiográfico."

Exceto quando indicado, as citações em português se referem a:
LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.